



BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANTÓNIO APOLINÁRIO LOURENÇO

Universidade de Coimbra

Anibal Frias, *Fernando Pessoa et le Quint-Empire du Désir. Quête du désir et alter-sexualité*, Paris, Pétra, 2012.

Fernando Pessoa está vivo, sem dúvida. E não deixam de aumentar tanto a sua bibliografia ativa como a bibliografia crítica a ele consagrada. É também cada vez mais um autor internacional, como se comprova pelo crescente número de títulos em línguas estrangeiras (inglês, italiano, espanhol, francês...) relacionados com a sua obra. Um dos mais recentes é este livro de Anibal Frias, *Fernando Pessoa et le Quint-Empire du Désir. Quête du désir et alter-sexualité*, datado de 2012 e dado a lume pela editora parisiense Pétra.

A questão sexual é, sem dúvida, uma das mais controversas da exegese pessoana. É um tema que geralmente se considera estar pouco presente na obra em português do escritor, mas que domina a sua obra inglesa. Em 1994, um grupo de escritores valencianos, reunidos sob o pseudónimo de Salomé Dori, publicou em catalão (valenciano) um volume de relatos intitulado *La vida sexual de Fernando Pessoa*, composto por textos parodicamente atribuídos a Pessoa e aos seus principais heterónimos. O livro foi premiado com o XLII «Prémi València de Literatura».

Registe-se que o ensaio de Frias é precedido de um prefácio de um dos mais importantes biógrafos de Pessoa, o recentemente falecido Robert Bréchon, que começa por sublinhar o facto de se tratar do primeiro livro dedicado exclusivamente ao estudo do desejo sexual na obra pessoana, ainda que isso não corresponda completamente à verdade. Bréchon não conheceria, decerto (e tão-pouco Frias o inclui na sua bibliografia), o volume intitulado *Sexualidad y esoterismo en Fernando Pessoa*, de Madeleine Jordà Billinghamurst publicado em 2006 pela editora maiorquina Lleonard Muntaner, cujo *corpus* analisado tem muito em comum com o selecionado por Anibal Frias: a poesia inglesa de Fernando Pessoa.

Esclareça-se que, ao contrário do que acontece noutros textos conhecidos, que falam de sexo branco, homossexualidade, misoginia, etc., o campo de estudo do livro não é a propriamente a sexualidade do homem Fernando Pessoa, mas a presença do sexo e do desejo na obra pessoana, o que é, sem dúvida, diferente. O seu autor revela-se, aliás, bastante crítico relativamente a certos lugares comuns que resultam de leituras psicanalíticas, preconceituosas ou excessivamente literais da obra do poeta: «quand la vision littéraire de la femme est ‘négative’, elle ressortit à de la psychobiographie, et quant elle est ‘positive’, en s’identifiant à l’icône multiséculaire de la femme-objet du désir masculin, c’est de la poésie!» (pág. 142). É bem distinta, e imediatamente assumida, a perspetiva do ensaísta:

Chez Pessoa, le sexuel translittérisé est donc pleinement textuel: ses écrits redessinent la topographie des désirs et des (dé)plaisirs et réinventent de nouvelles modalités de l’être. Il propose une autre géographie amoureuse, comme lorsqu’il rapproche des destinations et une découverte, ou intention de découverte, du corps «tentateur» de sa fiancée Ophélie, dans un mélange équivoque de regret et de souhait de le voir «loin de [lui]». (pag. 32)

A associação dos poemas ingleses de Pessoa com a utopia do Quinto Império não é uma invenção de Frias. O próprio Pessoa, em carta de 18-11-1930 a João Gaspar Simões, depois de classificar os poemas *Antinous* e *Epithalamium* como os seus únicos poemários nitidamente obscenos, explicava que eles se incluíam num ciclo: «Os dois poemas citados formam, com mais três, um pequeno livro que percorre o círculo do fenómeno amoroso. E percorre-o num ciclo, a que poderei chamar imperial. Assim temos: (1) Grécia, *Antinous*; (2) Roma, *Epithalamium*; (3) Cristandade, *Player to a Woman’s Body*; (4) Império Moderno, *Pan-Eros*; (5) Quinto Império, *Anteros*. Estes três últimos poemas estão inéditos».

Também num fragmento pessoano revelado há muitos anos por Jorge Nemésio (*A obra poética de Fernando Pessoa. Estrutura das futuras edições*, 1958), o poeta declarava a intenção de juntar à conceção sexual refinada e subtil dos gregos (expressa em *Antinous*) e à brutal e bestial dos romanos (a que dedicara *Epithalamium*), a atitude cristã, na qual conciliaria a sensualidade mística com a especulação metafísica.

Nemésio data este fragmento de 1930 (por se encontrar, no espólio de Pessoa, junto de um outro datado de 7-10-1930), e como o poeta parece deixar nele evidenciado que esse poema representativo do amor cristão estava por compor, parece claro que o projeto exposto na carta a Gaspar Simões estaria naquele momento a ser arquitetado, pois nem sequer figurava ainda no referido fragmento a descrição da totalidade do ciclo.

Levando a sério a carta de Pessoa a Gaspar Simões, Anibal Frias parece inclinar-se a acreditar na existência, ainda que sob uma forma fragmentária e no fundo da agora metafórica arca, dos poemas do ciclo do desejo amoroso. Se tivermos em conta que, segundo revelou recentemente Jerónimo Pizarro à revista *Ler*, 70% do poemário inglês de Fernando Pessoa está ainda inédito, é bem possível que aí se encontre algo mais do que o pouco que descobriu e nos revela o ensaísta, e que a leitura do ciclo tenha de conhecer futuramente alguns ajustamentos.

Anibal Frias procurou, na obra édita de Pessoa – tendo também beneficiado do acesso a alguns inéditos facultados por outros investigadores pessoanos – o rasto dos poemas que comporiam o ciclo. Mas não podemos considerar que, nesse aspeto, tenha sido particularmente afortunado. Como vimos, o terceiro livro do ciclo imperial intitular-se-ia «Prayer to a woman's body». Entre os fragmentos poéticos publicados em francês por Patrick Quillier, há um – como revela o ensaísta – com um título semelhante: «Ode to a woman's body». Já quanto ao quarto poema do ciclo, que representaria o Império Moderno, apenas o título do poema é conhecido, confessa Frias.

O quinto poema, *Anteros*, é a chave interpretativa do ciclo. Como já avisara Jorge de Sena e reitera Anibal Frias, era incorreta a interpretação de João Gaspar Simões, quando este considerava que o ciclo pessoano do fenómeno amoroso encerraria com a negação do amor. É também muito importante a inventariação das referências ao deus grego Anteros, irmão de Eros, e à fusão esotérica dos princípios masculino e feminino do mundo. Não é, em suma, um anti-amor, mas um «amor outro», o que Pessoa propõe:

Anteros est l'amour asexué 'contre' l'amour sexué. L'alliance des deux sens renvoie à une réalité amoureuse désempêtrée du corset chrétien. Un amour précatégorial (homme/femme, hétéro/homo) et antéprédicatif puisqu'il s'épanouit sans être connoté en genre ni en valeur. (p. 345)

A coincidência temporal entre a conclusão do grande poema nacionalista de Pessoa, *Mensagem*, em que Portugal é apresentado como futuro centro de um Quinto Império cultural e religioso, e a planificação desde ciclo do desejo, igualmente com referências explícitas ao Quinto Império, permitem logicamente ao ensaísta aproximar os dois projetos:

À l'instar du Quint-Empire de *Message*, le Quint-Empire de l'amour s'énonce comme utopie à réaliser sur ou à partir du sol portugais, et comme uchronie à activer l'Heure venue. Aussi, à la différence des étapes précédemment parcourues qui empruntent leurs contours à l'histoire, ce point d'arrivée est-il d'une autre substance en ce qu'une nouvelle ère s'avance: celle du Désir. Les deux Quint-Empires s'intersectionnent, et finissent peut-être par se confondre.

A linha argumentativa é suficientemente estimulante e verosímil. Falta, evidentemente, como já deixámos indiciado, a sua comprovação com a descoberta dos textos que permitam completar o puzzle. E também nos parece óbvio que aqui e ali, como sempre ocorre nos ensaios que enunciam uma tese, ocorre alguma pequena distorção hermenêutica. Parece claro, na carta a Gaspar Simões, que Fernando Pessoa pretendia subordinar o seu ciclo do «fenómeno amoroso» ao ciclo político-religioso das eras ou idades, e particularmente àquele que assumiu a forma da utopia do Quinto Império; mas não posso concordar com a interpretação que o ensaísta faz da leitura do poema «Quinto Império», da *Mensagem*. Partindo da tradução francesa («Grèce, Rome, Chrétienté / Europe – ces quatre temps s'en vont / Vers où s'en vont tous les âges. / Qui survient pour vivre la vérité / De la mort de Dom Sébastien?»), a resposta de Frias à pergunta pessoana parece adequada: será Anteros que se revelará. O ciclo do amor entroncaria assim, convincentemente, no grande poema nacionalista pessoano. Mas não creio que a versão francesa traduza na perfeição a estrofe da *Mensagem*:

Grécia, Roma, Crisandade,
Europa – os quatro se vão
Para onde vai toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu Dom Sebastião?

Os quatro grandes impérios da profecia de Daniel estão aqui perfeitamente identificados e o seu fim anunciado. Quanto à «verdade que morreu Dom Sebastião», é obviamente o Quinto Império, e estou convicto de que o pronome «quem» tem aqui um sentido mais temporal do que pessoal. Como sabemos, um fenómeno completamente inverso, mas paralelo, acontece no «Terceiro» dos *Avisos*, também da *Mensagem*, quando o poeta pergunta: «Quando é o Rei?» em vez de «quem é o Rei».

Esta pequena divergência não ensombra, evidentemente, a minha opinião muito positiva da perspectiva de Anibal Frias sobre a sexualidade na obra de Fernando Pessoa, apoiada num conhecimento profundo tanto da obra como da bibliografia crítica pessoanas.